

NOMES SIMPLES: QUESTÕES SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS

Pilar Barbosa (U. Minho), Ana Müller (USP) e Fátima Oliveira (FLUP)

ABSTRACT: *Bare Nouns are known to be subject to both syntactic and semantic restrictions in Romance languages. We discuss these restrictions both in European and Brazilian Portuguese against the background of Generative Grammar and Formal Semantics.*

PALAVRAS-CHAVE: *nomes simples; português europeu; português brasileiro; 'bare nouns'*

1. Objetivos

O objetivo deste artigo é discutir algumas restrições relacionadas à posição e à interpretação dos nomes simples (NS) no Português Europeu (PE) e no Português Brasileiro (PB). As línguas Românicas e Germânicas em geral aceitam a ocorrência de nomes simples plurais. No PB, diferentemente das outras línguas Românicas e também do Inglês, o uso de NS singulares é bastante comum.

2. Pressupostos Teóricos

Nas línguas Românicas e nas línguas Germânicas, os Nomes Simples estão submetidos a restrições tanto na sua interpretação quanto na sua distribuição. Os trabalhos sobre o assunto concordam que, basicamente, a interpretação dos NS nas línguas Germânicas e Românicas modernas varia entre uma leitura existencial e uma leitura genérica.

- | | | |
|-----|--|----------------------------------|
| (1) | Linguists are intelligent. | (leitura genérica do sujeito) |
| (2) | Physicians have made lots of calls in this hospital yesterday. | (leitura existencial do sujeito) |
| (3) | Linguisti capaci di scrivere il <i>Mémoire</i> o <i>LST</i> sono intelligenti. | (leitura genérica do sujeito) |
| (4) | Medici del reparto di pronto intervento hanno telefonato spesso, ieri, in questo ospedale. | (leitura existencial do sujeito) |

Existem na literatura duas maneiras básicas de se analisar a semântica dos NS. A primeira é analisá-los enquanto denotando diretamente espécies (cf. Carlson 1977a, b). Nesta análise uma sentença na qual o NS tem uma leitura genérica como a sentença (1) teria a forma lógica em (1'). Esta forma lógica atribui a propriedade de ser inteligente diretamente à espécie LINGUISTS. Já uma sentença na qual o NS tem uma leitura existencial como (2), teria a forma lógica em (2'). Neste caso, existe uma relação de Realização entre a espécie e as entidades que a compõe. (2') diz, então, que existe pelo menos uma entidade que realiza a espécie PHYSICIANS e que esta entidade telefonou muito ontem neste hospital. A quantificação é introduzida pelo predicado-de-estágio.

- (1') **intelligent** (LINGUISTS)
(2') $\exists x$ [**R** (PHYSICIANS, x) & **have made lots of calls ... yesterday** x]

A segunda maneira de se analisar sentenças com NS tem sua origem na análise dos indefinidos proposta por Heim 1982 e é desenvolvida em Diesing 1992, Kratzer 1995 & Krifka et al. 1995, entre outros. Heim 1982 propõe que sintagmas indefinidos como *um cachorro* não são sintagmas existencialmente quantificados em si mesmos, mas sim, são fórmulas com uma variável livre (*um cachorro* = *cachorro x*). No caso dos indefinidos com interpretação genérica, temos que estes sintagmas não são verdadeiras expressões de referência à espécie, mas sim indefinidos 'normais' que tem sua variável presa por um quantificador genérico.

Sentenças nas quais o NS tem uma interpretação genérica são então analisadas como estruturas tripartites compostas de um operador que toma duas sentenças como argumento: a **restrição** e a **matriz** ou **escopo nuclear** (5) (Heim 1982, Krifka et al. 1995). Na sentença (6), por exemplo, a interpretação genérica de *doce feito em casa* resultaria do fato de que sua variável é presa por um quantificador genérico subjacente (6').

(5) Operador [restrição] [matriz]

(6) Doce feito em casa é sempre mais gostoso.

(6') Geralmente x [se x é doce feito em casa], [x é mais gostoso].

A possibilidade de uma interpretação genérica é dada seja pelo aspecto verbal, seja pela presença de um advérbio sentencial. Uma vez dada essa possibilidade, existe uma correlação entre a posição sintática de um constituinte indefinido e o fato de este constituinte poder ter uma interpretação genérica. Esta correlação é proposta por Diesing 1988, 1992 através de sua "Mapping Hypothesis" expressa em (7).

(7) "Mapping Hypothesis" (MH):

Material do VP é mapeado para a Matriz.

Material do IP é mapeado para a Restrição.

Para que a variável de um indefinido possa ser generalizada ela tem de estar presente tanto na restrição quanto na matriz como em (6'). A forma lógica em (6') então, está de acordo com o previsto pela 'Mapping Hypothesis'. O sujeito *doce feito em casa* é mapeado para a restrição e sua variável pode ser generalizada, pois está presente tanto na restrição quanto na matriz.

Por outro lado, sentenças nas quais o indefinido possui uma interpretação existencial resultam do fato de que a variável livre do indefinido é presa por um quantificador existencial *default* que liga todas as variáveis que não foram presas por outros quantificadores na sentença. Este quantificador é adicionado automaticamente à matriz (sentenças em que não há quantificação do tipo genérica, possuem apenas uma matriz). A fórmula em (8) é uma versão simplificada deste tipo de forma lógica que, no caso, não possui restrição. A fórmula em (9') é uma tradução lógica simplificada de (9).

(8) $\exists x$ [indefinido x \wedge predicado x]

(9) A empresa apresentou documentos falsos na habilitação para a concorrência.

(9') Existe pelo menos dois x (x são documentos falsos e a empresa apresentou x

Em seu trabalho, Diesing 1992 deseja explicar as diferenças de possibilidades de interpretação entre sentenças com predicados-de-estágio (*stage-level*) e de predicados (*individual-level*). Uma sentença como (10), que possui um predicado *stage-level* possui potencialmente as formas lógicas em (11), cujas paráfrases aproximadas estão em (12). As diferentes interpretações de (10) seriam permitidas pela MH porque Diesing assume que sujeitos de predicados *stage-level* são gerados dentro do Sintagma Verbal (VP) e depois se movem para Spec IP, deixando um traço em sua posição de origem.

Vamos assumir, com Kratzer 1995, que predicados-de-estágio possuem um argumento evento, ao passo que predicados-de-indivíduo não possuem este argumento. Assim sendo, quando mapeadas para a FL, sentenças com predicados *stage-level* podem ter seu sujeito mapeado tanto para a restrição quanto para a matriz, pois apesar de seu sujeito estar em IP na estrutura superficial, seu traço também pode ser interpretado.

(10) Fireman are available.

(11) a. $\exists x, e$ [**firemen** x \wedge **available** x, e]

b. Gx, e [**firemen** x \wedge **be** x, e] [**available** x, e]

c. Ge [**aqui** e] $\exists x$ [**firemen** x \wedge **available** x, e]

(12) a. Tem bombeiros disponíveis (agora neste bairro).

b. (Geralmente) bombeiro é disponível (em qualquer situação em que esteja).

c. (Por aqui) tem bombeiro disponível.

Enquanto as três interpretações expressas em (11) são possíveis no Inglês, o PB não permite toda esta gama de interpretações. Esta questão será discutida no decorrer do trabalho.

Já uma sentença com um predicado *individual-level* como (13) possui apenas a interpretação em (14), cuja paráfrase está em (14'). A ausência de interpretações equivalentes a (11a) e (11c) para predicados *individual-level* pode ser explicada por duas hipóteses: (i) predicados *individual-level* são gerados diretamente for a do VP (Diesing 1988, 1992) e (ii) predicados *individual-level* não possuem argumento evento (Kratzer 1995). A leitura existencial para *médico* fica então descartada pela impossibilidade de o sujeito ser mapeado para a matriz. E a leitura que generaliza sobre eventos é impossível porque não há argumento evento.

- (13) Médico é inteligente.
- (14) Gen x [médico x] [inteligente x]
- (14') Se é médico, então é inteligente.

Predicados-de-espécie são predicados que exigem que seus argumentos denotem diretamente uma espécie. Com este tipo de predicado, nomes simples são possíveis nas línguas Germânicas, mas não são possíveis nas Românicas como ilustrado em (15)-(18).

- (15) Dinosaurs are extinct.
- (16) *Elefanti di colore bianco sono estinti.
- (17) ??Dinossauros estão extintos.
- (18) *Dinossauro está extinto.

3. Nomes Simples em Português Europeu

Embora as línguas Românicas apresentem alguns contrastes em relação às línguas Germânicas, convém ter presente que aquelas também apresentam algumas distinções entre si. Como se verá, o PE distingue-se nalguns aspectos do Italiano e do Castelhamo, nomeadamente no que diz respeito aos nomes simples em posição de objecto (cf. Longobardi 1994, 1999, 2000 e Laca 1999).

É sobre a distribuição dos nomes simples, com e sem modificação, e das suas possíveis leituras em PE, que nos ocuparemos em seguida.

Uma das primeiras observações que deve ser notada é a de que em PE é relevante, relativamente aos nomes contáveis, fazer a distinção singular/plural. Com efeito, em posição de sujeito, nomes simples no *singular* sem modificação não são possíveis, quer em predicções episódicas, quer em predicções caracterizadoras (19) e com modificação só são possíveis em contextos indutores de genericidade (20)-(23):

- (19) *Criança saiu / *criança faz asneiras. (sem pausa)
- (20) Criança pequena faz asneiras. (Duarte *et al.* 1998)
- (21) *Criança pequena fez asneiras.
- (22) Criança que esteja quieta está doente.
- (23) (?) Criança que está quieta está doente.

Quanto aos nomes no *plural* sem modificação, podem ocorrer em contextos definitórios (com leitura genérica), mas não são aceitáveis quer com predicados de espécie (26), quer de indivíduo (27), ou de estado (28), tal como os exemplos seguintes mostram:

- (24) Quadras são estrofes de quatro versos.
- (25) Baleias são mamíferos de grandes dimensões.
- (26) ?? Elefantes estão extintos.
- (27) * Elefantes são inteligentes.
- (28) *Elefantes estão no parque.

Os nomes simples no plural, mas com modificação, só podem ter leitura existencial com predicados episódicos e são ambíguos (Gen/Ex) com advérbios de quantificação genérica ou com aspecto habitual, embora a leitura preferencial seja a genérica, como em

(29)-(31). No entanto, com predicados de indivíduo apresentam leitura genérica, como em (32):

- (29) Crianças de dez anos ganharam um concurso de pintura. (EX)
- (30) Crianças de dez anos usam internet. (GEN/EX)
- (31) Crianças de dez anos telefonam frequentemente aos pais..(GEN/EX)
- (32) Cães de guarda de grandes dimensões são mais agressivos/eficientes.

3. 1. Sujeitos pós-verbais

Os nomes simples, como sujeitos pós-verbais, em contextos caracterizadores, têm de ser modificados, tal como em Italiano, e isso acontece quer o nome seja singular, quer plural, incluindo os contextos definitórios:

- (33) * Não morde cão.
- (34) *São estrofes de quatro versos quadras.
- (35) *São mamíferos de grandes dimensões baleias.
- (36) *Estão extintos elefantes.
- (37) * São inteligentes elefantes.
- (38) *Estão no parque elefantes.(GeN)

Longobardi (1999) considera que os nomes simples são indefinidos, na medida em que, entre outras razões, podem ocorrer em todos os contextos em que os indefinidos ocorrem. No entanto, veja-se o contraste entre (39) e (40)-(41), que mostra a relevância da distinção singular-plural, e também (40) e (43) ou (41) e (44), que mostram uma assimetria entre posição pós- e pré-verbal:

- (39) Não mordem cães que ladrem.
- (40) *Não morde cão que ladre.
- (41) ??/*Não morde um cão que ladre.
- (42) Cães que ladrem não mordem.
- (43) Cão que ladre não morde.
- (44) Um cão que ladre não morde.

3.2. Nomes Simples em posição de objeto

Em PE, contrariamente ao que acontece em Italiano e em Castelhana, Nomes simples em posição de objecto de predicados disposicionais (ou afectivos) não só podem ocorrer sem modificação, como apresentam uma leitura de espécie.

Em Italiano a leitura genérica é impossível, se o nome simples não for modificado, (cf.(45)-(46)), enquanto em PE é possível a leitura genérica com nome simples, modificado ou não, tal como os exemplos (47)-(48) mostram:

- (45) *Adoro arance. (GeN)
- (46) Adoro arance di grandi dimensioni. (Longobardi 1999)
- (47) Adoro laranjas /Adoro laranjas de grandes dimensões.
- (48) Adoro gatos /Adoro gatos siameses.

Por outro lado, frases semelhantes com artigo em PE não apresentam a leitura de *os gatos* como espécie, pois parece ser preferencialmente uma leitura de quantificação universal sobre um determinado universo do discurso:

- (49) Adoro os gatos / Adoro os gatos siameses.

Acresce que o contraste entre os seguintes exemplos parece muito interessante, na medida em que confirma o que atrás foi dito:

- (50) Adoro os gatos, * à excepção dos siameses.
- (51) Adoro gatos, à excepção de siameses.

No entanto o exemplo (52) revela claramente uma assimetria entre a posição de objecto e a de sujeito no que diz respeito à modificação do nome ou do DP:

- (52) Adoro os gatos siameses, à excepção dos de olhos azuis.

Um outro contexto em que a existência de um nome simples ou não parece elucidativa é aquele em que a presença do artigo permite uma leitura de *small clause*, inexistente com o Nome simples:

(53) Detesto sopas.

(54) Detesto sopas frias /detesto as sopas frias. (cf. Oliveira 1998)

Síntese:

Da observação dos dados do PE, pode concluir-se que, em posição de sujeito, pré ou pós-verbal nomes simples sem modificação não são possíveis (a não ser em contextos definitórios), sendo-o, no entanto, se forem modificados (cf. (20) e (22) ou (39) e (42)). Em posição de objecto, nomeadamente com predicados disposicionais, os nomes simples, com ou sem modificação, apresentam uma leitura de espécie, enquanto com artigo, sem modificação, não apresentam tal leitura, que só é possível, se o nome estiver modificado (cf. (48), (49) e (52)). Trata-se, portanto, de uma interessante assimetria entre as duas posições e que deve ser explicada.

3. 3. Duas hipóteses

Dado o PE e o Italiano serem muito semelhantes relativamente à questão dos nomes simples e os contextos em que ocorrem nomes simples (pelo menos em posição de sujeito) serem também aqueles em que ocorrem indefinidos, seria de defender que o caso particular destes últimos exemplos se poderia resolver através de *scrambling* na Forma Lógica, como Kratzer (1995) sugere para os “ill-behaved Objects” - Nomes indefinidos com leitura genérica em subordinadas adverbiais com um pronome construído como variável ligada na subordinante:

(55) When Sue likes a movie, she recommends it to everyone (*id*: 151)

Neste caso, como o objecto está em VP, esta seria a forma de o fazer subir para o restritor, (deixando um vestígio na matriz) onde se poderia ligar por um quantificador genérico não explícito.

Esta proposta seria mais elegante, na medida em que permitiria manter que todos os nomes simples são indefinidos e por isso predicados, pelo que para se constituírem como argumentos necessitam de artigo definido. No entanto, os Nomes Simples em PE têm um comportamento sensível à distinção de número, não parecendo possível manter que os Nomes Simples plurais sejam igualmente indefinidos (cf. o contraste entre (19) e (24)-(25) e o paradigma (39)-(44)).

Uma outra hipótese é a de considerar que nestes casos há uma excepção à generalização sugerida na primeira proposta: alguns nomes simples (contáveis no plural) podem ser nomes de espécie (mesmo não podendo ocorrer em posição de objecto com predicados de espécie do tipo *inventar*). Esta hipótese está em concordância com a de Raposo (1998:14) segundo o qual o Português, diferentemente de outras línguas românicas, tem “a null determiner semantically close to the overt definite one, but lacking a phonological matrix”.

No entanto, nem em todos os casos com Nomes simples se pode argumentar a favor da presença de um núcleo funcional com traço definido. Veja-se a diferença entre os seguintes exemplos:

(56) Eu normalmente compro os livros do Cardoso Pires

(57) Eu normalmente compro livros do Cardoso Pires.

Isto tem como consequência que um nome simples (em especial plural) em posição de objecto directo, pode, em PE, ocupar duas posições: na matriz ou no restritor. No entanto, não se trata de uma ambiguidade, mas antes de uma possibilidade restringida a contextos estativos (disposicionais), o que se pode compreender pelo facto de se tratar de contextos não muito adequados à introdução de novos referentes discursivos, como é usual para os indefinidos, e poderem assim ficar livres para outras interpretações.

4. Nomes Simples no Português Brasileiro

Krifka *et al.* 1995, entre outros, analisam os 'bare plurals' do inglês como ambíguos entre expressões de referência à espécie e indefinidos contendo uma variável livre. Longobardi 1999 defende que os nomes simples nas línguas Românicas diferem dos 'bare's' do Inglês quanto a seu significado. Para ele, os NS argumentais em Romance são sempre indefinidos, ou seja são predicados que contêm uma variável livre (cf. Heim 1982).

Müller 2000 analisa os NSs no PB como indefinidos à la Heim 1982, i.e, fórmulas com uma variável livre. Indefinidos genéricos não são verdadeiras expressões de referência à espécie. Entre outras coisas, eles não ocorrem com predicados episódicos (58) e eles também não podem ser usados com predicados de espécie (2).

(58) *Automóvel chegou ao Brasil no século XX.

(59) *Mico-leão-dourado está extinto.

4.1 Nomes Simples em posição de sujeito

A 'Mapping Hypothesis' nos diz que material fora do VP é mapeado para a restrição de uma estrutura tripartite em Forma Lógica (FL). A primeira predição então é que sujeitos indefinidos gerados fora do VP, em sentenças com quantificação genérica, farão sempre parte da restrição em Forma Lógica.

Se assumirmos com Diesing 1992 que predicados-de-indivíduo são gerados fora do VP, podemos explicar as interpretações possíveis para sujeitos simples destes predicados no PB. A sentença (60a) tem apenas a interpretação (60b,c). Não temos aqui nenhuma peculiaridade do PB em relação a outras línguas, uma vez que predicados *I-level*, tem seu sujeito gerado em Spec IP. Estes, portanto, são mapeados para a restrição do quantificador genérico.¹

Predicado Individual-level

- (60) a. Linguísta é inteligente/Lingüístas são inteligentes.
b. Gen [lingüísta x] [inteligente x]
c. 'Se é linguísta, é inteligente.'

Fica descartada então a possibilidade de uma interpretação existencial para o sujeito indefinido do predicado *I-level*. Isto é comprovado, pois (61a) não tem a interpretação expressa por (61b).

- (61) a. Linguísta é inteligente/Lingüístas são inteligentes..
b. #Tem alguns linguístas inteligentes.

Por outro lado, uma generalização sobre eventos, também não é possível, pois esses predicados, segundo Kratzer 1995, não possuem um argumento evento. A sentença (62a) não tem a interpretação de uma generalização sobre eventos (62b).

- (62) a. Linguísta é inteligente/ Linguístas são inteligentes..
b. #Por aqui tem alguns linguístas inteligentes.

Para sentenças com predicados *stage-level*, entretanto, ambas as leituras deveriam ser possíveis. Isto porque, para Diesing 1992, sentenças com predicados-de-estágio tem

¹ Note-se que nenhuma das formulas apresentadas neste trabalho leva em conta uma possível distinção semântica entre NS singulares e plurais (ver Müller 2000 para uma proposta sobre esta diferença).

seus sujeitos gerados internamente ao VP e depois movidos para SpecIP. A existência de um vestígio em Spec IP permitiria a reconstrução do sujeito para esta posição em Forma Lógica. O PB deveria então, além da leitura genérica, permitir uma leitura existencial para o sujeito de sentenças com predicados *stage-level*.

Primeiro vamos examinar o comportamento dos Nomes Simples singulares no PB. O Nome Simples singular com interpretação existencial em sentenças episódicas (46) é agramatical. Dentro de nossos pressupostos teóricos, temos aí um problema, pois, pelo menos em sua interpretação existencial, o comportamento de predicados episódicos com NS singulares não confirma no PB a predição de Diesing 1992 de que estes predicados deveriam permitir também uma leitura existencial para seu sujeito ((63) e(64)).

Predicado Episódico

(63) *Médico está trabalhando muito (agora neste hospital).

- (64) a. $\exists x, e$ [médico $x \wedge$ trabalhando muito x, e]
 b. Tem alguns médicos trabalhando muito (agora neste hospital).

Note que uma interpretação genérica para o NS singular é possível (6). Neste caso não temos mais um predicado episódico, mas sim uma predicação que generaliza sobre médicos e eventos usuais do trabalho de médico - uma interpretação caracterizadora ('characterizing') (7).

Predicado 'characterizing'

(65) Ultimamente médico está trabalhando muito.

- (66) a. Ultimamente x, e [médico $x \wedge$ estar x, e] [trabalhando muito x, e]
 b. Ultimamente médico anda trabalhando muito (em todas as situação usuais de 'ser médico').

Resta-nos agora examinar a leitura na qual existe uma generalização sobre eventos, mas o NNsg sujeito possui uma interpretação existencial (8). Neste caso, a interpretação existencial do sujeito indefinido também não é possível, pois (8) não significa (9).

(67) Por aqui, médico está trabalhando muito.

- (68) a. Ge [aqui e] $\exists x$ [médico $x \wedge$ trabalhando muito x, e].
 b. Por aqui, tem alguns médicos trabalhando muito/Se é por aqui, então tem alguns médicos trabalhando muito.

Por outro lado, os Nomes Simples plurais possuem, pelo menos na língua escrita, todas as leituras previstas pela "Mapping Hypothesis" para os predicados-de-estágio. Como explicar a ausência de leitura existencial para os Nomes Simples sujeitos em predicações episódicas?

- (69) Médicos estão trabalhando muito (agora neste hospital). *Existencial*
 (70) Ultimamente médicos estão trabalhando muito. *Genérica*
 (71) Por aqui, médicos estão trabalhando muito. *Existencial para o sujeito - generalização sobre eventos*
 (72) Moradores do Jardim Itapemirim voltaram a ficar sem condução por causa da lama... (Cruzeiro do Sul 30.01.01) *Existencial*
 (73) Sobre o Plano de Segurança Nacional, acredito que bandidos e traficantes estejam gratos. (Época, 110, 2000) *Genérica*
 (74) Desde 1989, musicos veteranos compõem com um letrista de enorme talento - e que morreu em 1982. (Veja SP (Vejinha), 17.01.2001:31) *Existencial para o sujeito - generalização sobre eventos*

◆ Hipótese 1:

- (i) O nome simples singular sujeito é gerado em posição A' (posição não argumental).
 (ii) O que temos em SpecIP, neste caso, é um *pro*. Daí a impossibilidade de reconstrução.

Dados que confirmam a hipótese:

- (i) Inexistência de leitura de variável ligada:

- (75) ???Médico detesta a si mesmo.
 (76) *Médico se detesta (leitura distributiva)
 (77) ???Médico sempre acha que sabe tudo.
 (ii) **Impossibilidade de estar dentro do VP:**
 (78) *Médico chegando, eu peço pra ligar pra você.
 (79) *Menina ficando mais durinha chama mais a atenção.
 (iii) **Construções típicas de DEC:**
 (80) Médico sempre parece *pro* que *pro* detesta doente.

◆ Hipótese 2: O Nome Simples singular no PB é uma expressão-de-referência-a-espécie.

- (i) Não é possível com predicados episódicos.
 (ii) Só é possível com predicados de indivíduos ou caracterizadores.

Problema: Não é gramatical com predicados de espécie.

4.2 Nomes Simples em posição de objeto

No caso dos objetos, a "Mapping Hypothesis" nos leva a prever que estes teriam sempre uma interpretação existencial, pois material do VP é sempre mapeado para a matriz. Esta predição é realizada no caso dos predicados 'bem comportados' (cf. Kratzer 1995). Estes incluem predicados episódicos (81 e 82) e predicados caracterizadores formados a partir de predicados-de-estágio (83 e 84).

Predicados episódicos

- (81) a. Leo comeu batata ontem às 5 horas da tarde. *Existencial*
 b. Leo comeu batatas ontem às 5 horas da tarde. *Existencial*
 (82) A empresa apresentou documentos falsos na habilitação para a concorrência ... (Época, 116, 2000)
Ex

Predicados Caracterizadores

- (83) a. Leo geralmente come batata no almoço. *Existencial*
 b. Leo geralmente come batatas no almoço. *Existencial*
 (84) Concordo: Vera Fisher está linda. Mas um bom cirurgião plástico faz milagres. *Existencial*

Por outro lado, existem predicados 'mal-comportados' (cf. Kratzer 1995). Estes são predicados geralmente formados a partir de verbos que expressam relações ou propriedades permanentes.

Predicados que Expressam Propriedades ou Relações Permanentes

- (86) a. Leo odeia gato. *Genérica*
 b. Leo odeia gatos. *Genérica*
 (87) O Brasil agora tem um disque-denúncia para delatar quem discrimina homossexuais. (Veja, 01.2001)
Genr

O comportamento aqui é semelhante ao do PE, do Inglês e do Alemão. O mau-comportamento dos objetos dos predicados de relações permanentes, pode ser explicado pelo fato de que, em todas estas línguas, estes predicados realizam 'scrambling' do objeto direto (cf. Kratzer 1995). 'Scrambling' é uma transformação que adjunge um constituinte a IP e é uma instância de Mova- α .

5. Comentários Finais

Nesta seção, vamos esboçar comentários de uma primeira comparação PE-PB em relação aos fenômenos tratados neste artigo. Tanto o PE quanto o PB fazem uso dos Nomes Simples como indefinidos heimianos participando de sentenças genericamente quantificadas. No entanto, enquanto em PB, a estratégia preferida é o uso do Nome Simples singular, em PE esta é o uso do nome simples plural. Este contraste pode estar relacionado a um outro aspecto interessante de contraste entre as duas línguas com relação ao número dos nomes comuns. Contrastando com o PB, a sentença (88) em PE significa que cada

unicórnio tem apenas um chifre. Por outro lado, a sentença (89) pode também ser interpretada como cada cão possuindo apenas um rabo, novamente em contraste com o PB.²

(88) Os unicórnios tem chifre.

(89) Os cães perderam seus rabos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carlson, G. (1977a) "A Unified Analysis of the English Bare Plural" in *Linguistics and Philosophy* 1, p. 413-456.

Carlson, G. (1977b) *Reference to Kinds in English*. Ph.D. dissertation, University of Massachusetts. Amherst.

Carlson, G. (1989) "The Semantic Composition of English Generic Sentences" in

Carlson, G. & Pelletier, F.J. (1995) (orgs.) *The Generic Book*, Chicago: The Univ. of Chicago Press.

Diesing (1988) "Bare Plural Subjects and the Stage/Individual Contrast." In M. Krifka, ed., *Genericity in Natural Language*, 107-154. SNS-Bericht 88-42, Universität Tübingen.

Diesing, M. (1992) *Indefinites*, Cambridge, Mass: MIT Press.

Heim, I. (1982) *The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases*, diss. doutoramento, Univ. Massachusetts, Amherst.

Kratzer, A. (1988/1995) "Stage-Level and Individual-Level Predicates" in Carlson, G. & Pelletier, F.J. (orgs.), p.125-175.

Laca, B. (1999) "Los contextos sintáctico-semánticos de la ausencia de artículo" in Bosque, I & V. Demonte (orgs.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Espasa, p. 891-928.

Krifka, M., F.J. Pelletier, G. Carlson, A. ter Meulen, G. Chierchia, G. Link, (1995) "Genericity: an Introduction" in Carlson, G. & Pelletier, F.J. (orgs.), p. 1-124. Pelletier, F.J. (orgs.), p.125-175.

Longobardi, G. (1994) "Reference and Proper Names. A theory of N-Movement in Syntax and Logical Form" *Linguistic Inquiry*, vol. 25, 4, p. 609-665.

Longobardi, G. (1999) "How Comparative is Semantics" Univ. de Trieste (manuscrito)

Longobardi, G. (2000) "'Postverbal' Subjects and the Mapping Hypothesis" in *Linguistic Inquiry*, 31, nº 4, p.691-702.

² Ver seção 2.

Muller, A. (2000). "The Expression of Genericity in Brazilian Portuguese". *University of Massachusetts Occasional Papers 23: issues in semantics and its interface*, K. Kuusmoto & E. Villalta (eds.). 19 pgs.

Raposo, E. P. (1998) "Definite/ Zero Alternations in Portuguese. Towards a Unification of Topic Constructions". *Manuscrito*.